

Contextualização do endividamento público em Moçambique no período 2005-2015

Carlos Nuno Castel-Branco

carlos.castelbranco@gmail.com | cnbranco@iseg.ulisboa.pt



‘Desafios para Moçambique’: dez anos pensando no País

Conferência organizada pelo Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)

Maputo, 19-20 de Setembro de 2019

Tema da apresentação

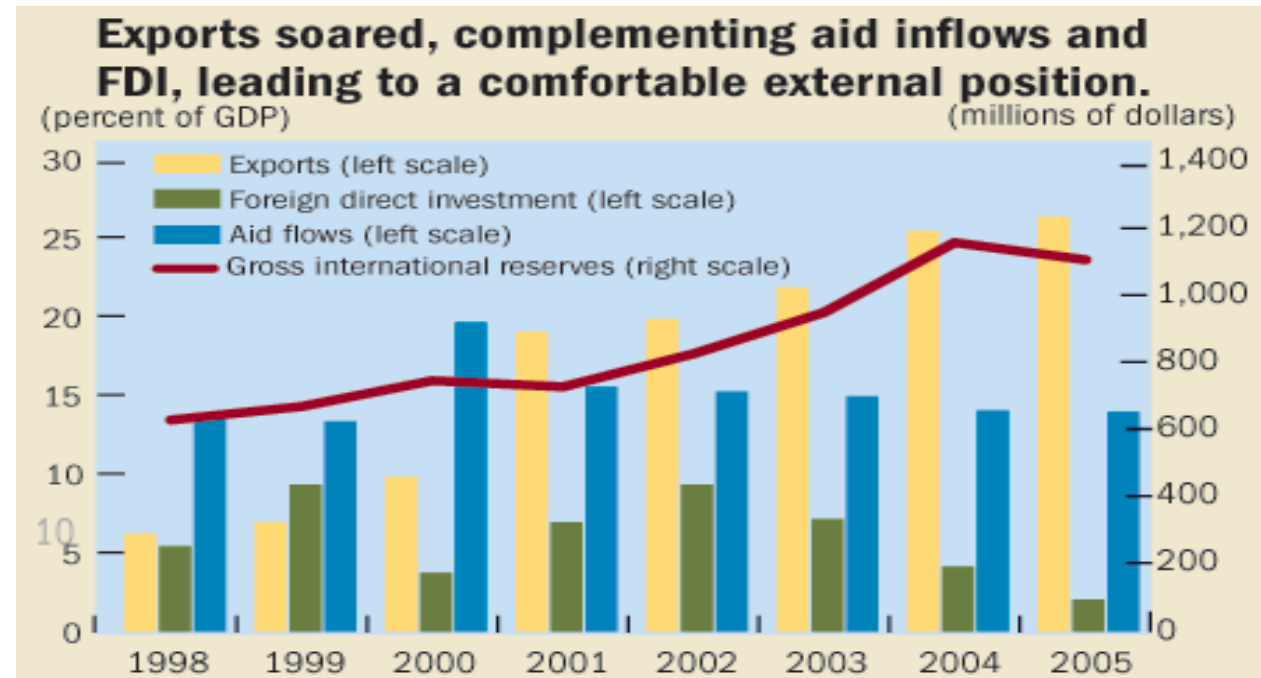
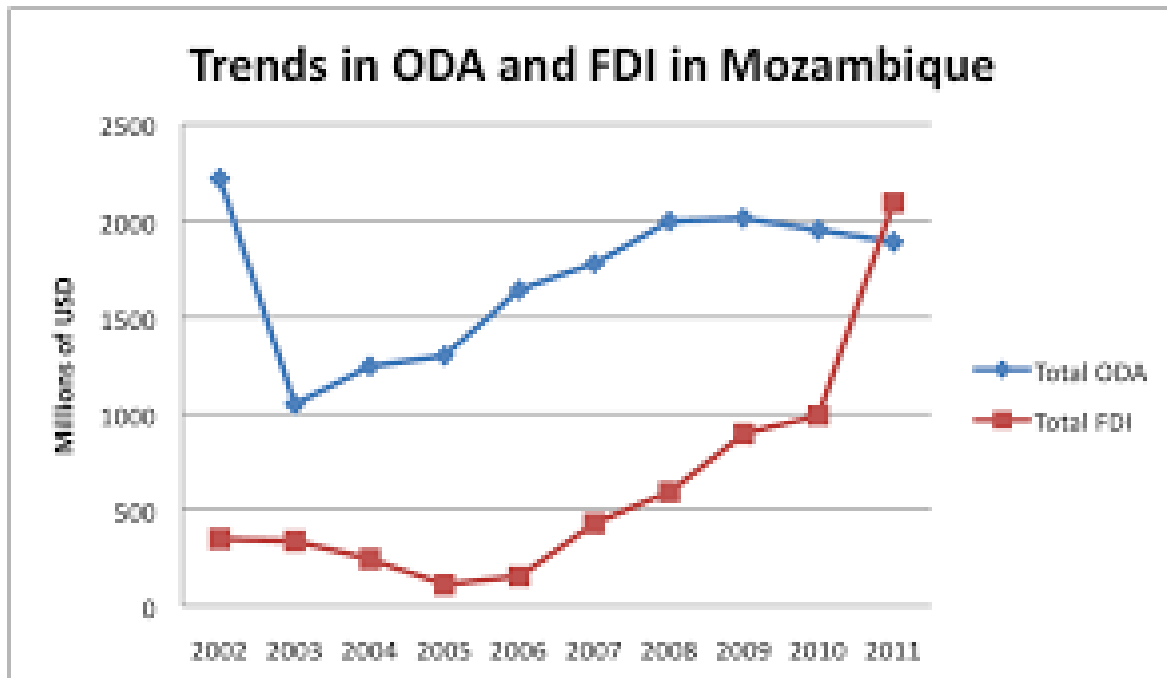
- Esta apresentação discute o endividamento público, e a subsequente crise, como parte orgânica de uma lógica de acumulação de capital dependente de uma interacção submissa com capital multinacional, promovida, mediada e sustentada pelo Estado, num contexto de financeirização global do capitalismo.

Estrutura da apresentação

- Esta apresentação discute o endividamento público, e a subsequente crise, como parte orgânica de uma lógica de acumulação de capital dependente de uma interacção submissa com capital multinacional, promovida, mediada e sustentada pelo Estado, num contexto de financeirização global do capitalismo.
- Como passar de “*darling*” a “*rogue*” *State* num estalar de dedos? – escândalos e a hipocrisia do capitalismo financeiro internacional
- Como e por que é que a interacção com capital financeiro internacional se tornou imperativa em Moçambique?
- Como é que a interacção intensiva extensiva com o capital financeiro internacional estruturou e foi estruturada pelas estruturas de acumulação de capital em Moçambique?
- Acumulação de capital fictício em Moçambique?
- Para que serve esta análise?

Como passar de “*darling*” a “*rogue*” State num estalar de dedos? Escândalos e a hipocrisia do capitalismo financeiro internacional

O início: Poder dos doadores morrendo; viva o poder do capital financeiro internacional



O que é exportado e quais são as implicações dessa estrutura de exportações? Em que é aplicado o investimento directo estrangeiro? Quanto custa o IDE? Porque não se mencionam as importações? Que economia emerge e que problemas resolve?

“O céu é o limite” e qualquer crítica das estruturas de acumulação é vista como “afro-pessimismo”, ou pior. WB (2008) e FT (2010) afirmam que Moçambique é uma das economias africanas mais atractivas para os mercados financeiros, poucas horas ou poucos dias antes de motins de rua se iniciarem nas principais cidades por causa do custo de vida – comida, combustíveis domésticos e transportes.

Doadores demoram a entender a mudança das relações de poder, entre ODA e IDE, entre governos neoliberais e capital multinacional, na economia e junto do Estado moçambicanos.

Escândalos financeiros



- 1) Empresas privadas: EMATUM, MMA, PROINDICUS (2012/2013). Principais acionistas: forças de defesa e segurança. Governo foi avalista.
- 2) Relatório da Kroll: US \$ 2,2 mil milhões (\approx 15% do PIB na época), emprestados pelo Credit Suisse e pelo VTB, envolvendo a PRIVINVEST (contratada), dos quais
 - a) 20% gastos em equipamentos (incluindo sobre-facturação); 50% de subornos individuais, comissões bancárias (10%, mais altas do mercado) e manipulação de facturas; 30% não contabilizados
 - b) Taxas de juro mais altas do mercado – custo total projectado de \approx US\$ 6,8 mil milhões (se o pagamento for feito até 2025) [Revisão de datas prevê retornos do gás, necessários para pagar os empréstimos, a começarem em 2025]
 - c) Recusa das “empresas públicas” em colaborar com a auditoria, em nome da segurança/soberania nacional
- 3) Perdas adicionais estimadas das “empresas” (salários mais custos operacionais básicos): \approx US\$ 200 milhões (subsídios públicos)
- 4) Reestruturação da EMATUM: Tunamar (criada em 2018) = EMATUM + Frontier Services Group (Erik Prince, BlackWater). Para quê?
- 5) Pessoas indiciadas: 21 moçambicanos, com uma dúzia de detenções, incluindo o antigo Ministro das Finanças, um dos filhos e a assistente pessoal do antigo PR, o antigo chefe dos serviços secretos e o chefe da inteligência económica. Porquê agora?



Escândalos financeiros



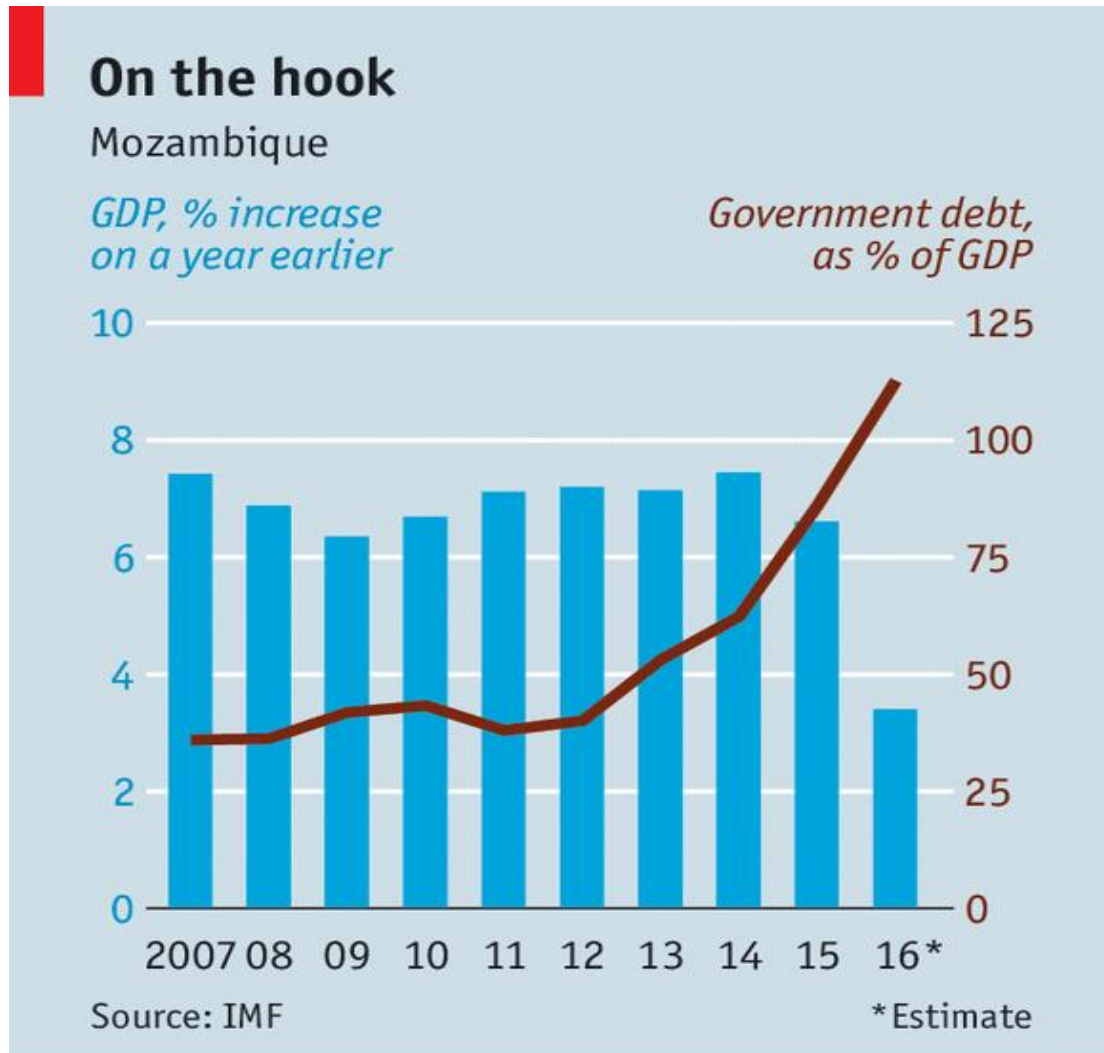
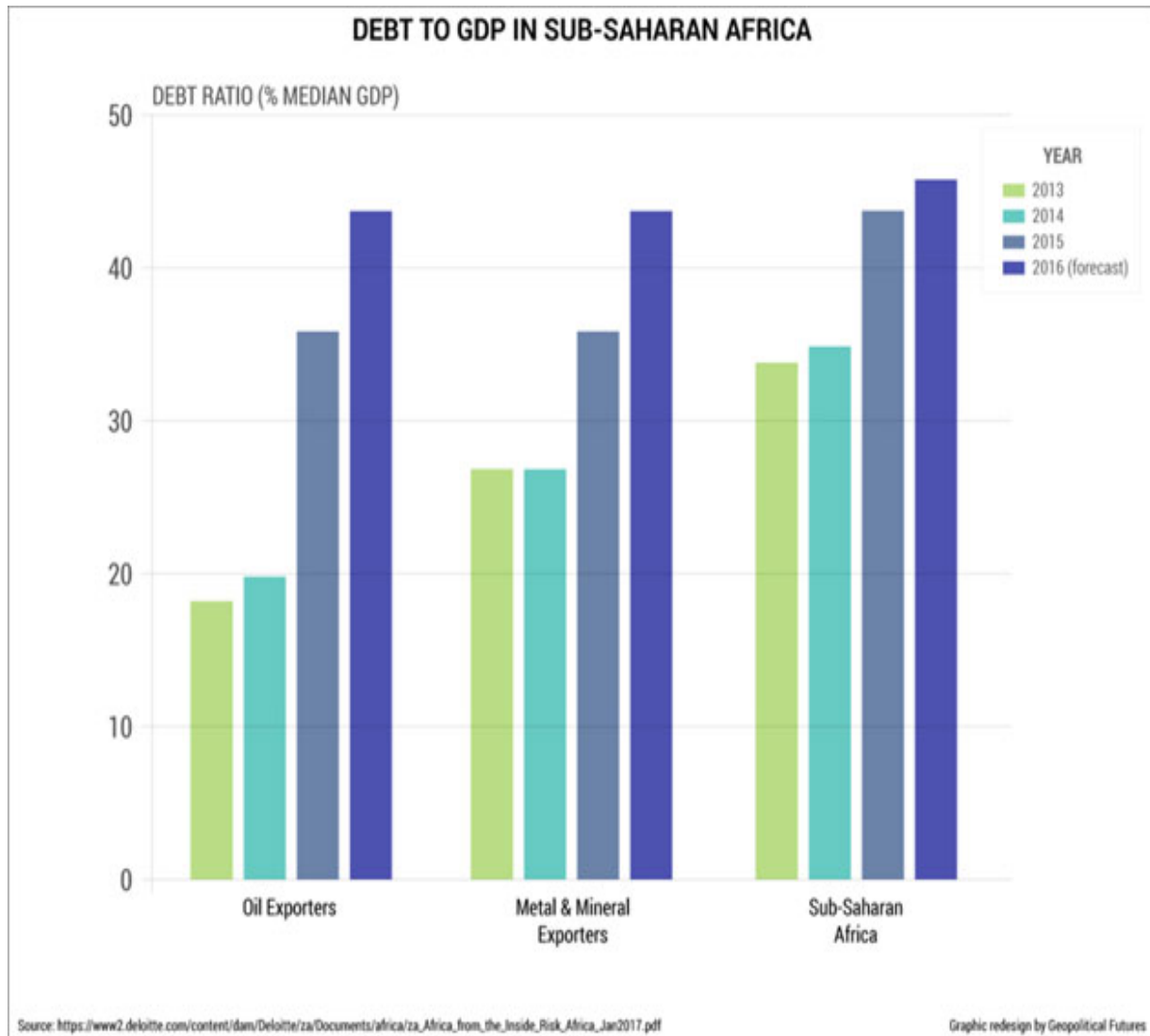
1: (em cima): Armando Guebuza, François Hollande e Iskandar Safa (Presidente da Privinvest), organizando a operação Privinvest em Moçambique

2: (à direita, em cima): Manuel Chang (ex Ministro das Finanças) e Christine Lagarde (directora geral do FMI) à saída de uma sessão em que o governo foi questionado sobre a transparência e legalidade da dívida pública

3: (ao lado): Manuel Chang acerta detalhes do envolvimento da Privinvest em Moçambique com Iskandar Safa.

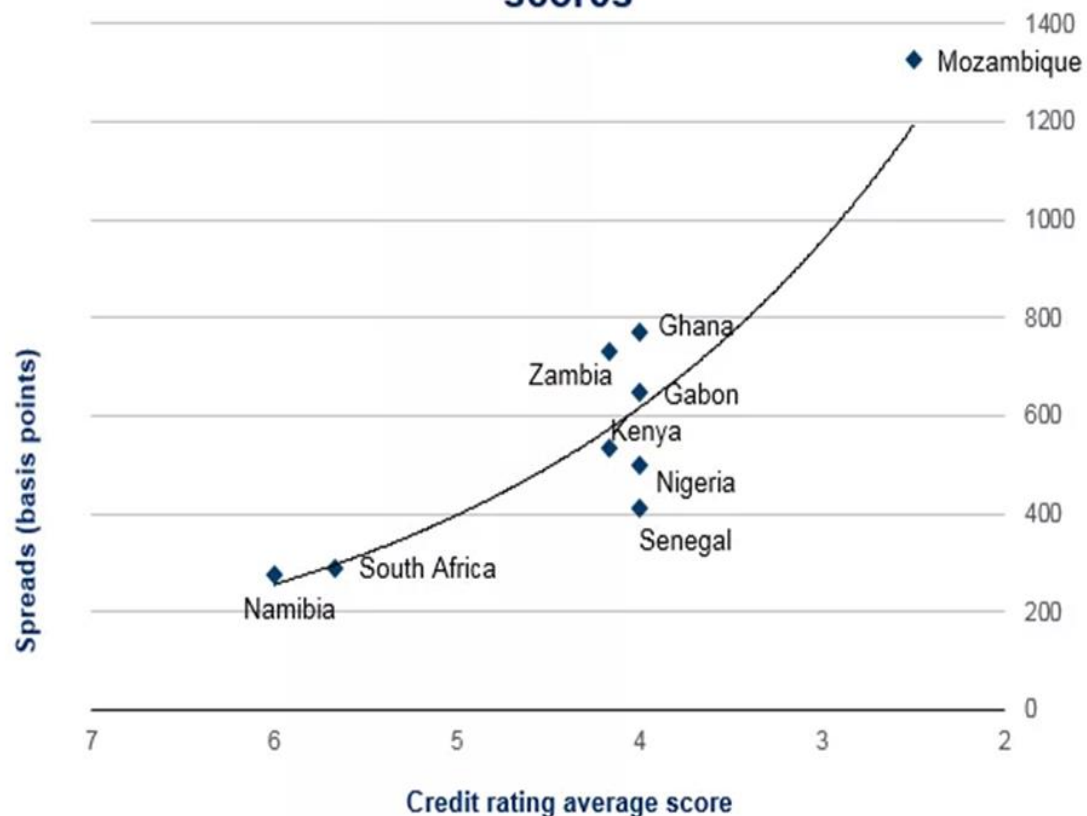


O fim de uma cumplicidade especulativa – mercados financeiros enervam-se



Outra maneira de prosperar com a dívida soberana de Moçambique – transformando-a em activos especulativos

Figure 7. Sovereign spreads v. credit rating scores



Source: Bloomberg Finance L.P., J.P. Morgan EMBI Global.

Note: Spreads are as of May 31, 2016. Credit rating average scores refer to the average ratings of Fitch, Moody, and S&P ratings. Numerical values correspond to the following credit rating categories: 7 = A, 6 = BBB/Baa, 5 = BB/Ba, 4 = B, 3 = CCC/Caa, and 2 = CC/Ca.

Mozambique's Eurobonds

Yields soared after country calls for talks with creditors



Source: Bloomberg

Bloomberg

Altamente especulativo

Spreads soberanos ← perda esperada e prémio de risco, o que envolve as expectativas dos “investidores” de que a perda real excede a perda esperada. Basicamente, ganhar dinheiro conjecturando sobre o futuro das dívidas. Os *ratings* são componentes importantes para atribuir um preço aos “riscos” – mecanismo para conjecturar sobre quanto a dívida soberana pode valer para especuladores.

Ratings – conjecturando sobre o valor da dívida soberana moçambicana para especuladores e predadores internacionais

| | 2003-2015 | 2016 | 2017 | 2019 |
|---------|--------------------------------|--|-----------------|---|
| Moody's | B1 and B2 (highly speculative) | B3 and Caa3 (default with little prospect of recovery) | - | Caa3 (default with little prospect of recovery) |
| Fitch | B+ and B (highly speculative) | B and CCC (substantial risk) | RD (in default) | - |
| S&P | B+ and B- (highly speculative) | CC and SD (default) | SD (in default) | - |

A dívida soberana de Moçambique é enorme para o tamanho da sua economia, mas pequena numa escala global. No entanto, há três pontos a ter em conta:

- 1) A crise da dívida soberana africana, como um todo, é significativa agora – problema de agregação, em que o pequeno não pode ser negligenciado nem avaliado apenas individualmente, pois a soma dos pequenos forma um grande;
- 2) Moçambique possui reservas significativas de recursos estratégicos (energéticos, metais raros e terras, se a expropriação de terras puder continuar em larga escala), o que torna a especulação com dívida soberana de Moçambique mais apetecível para os mercados financeiros internacionais, especuladores, predadores e corporações multinacionais;
- 3) Assim, a dívida soberana moçambicana é uma “benção” para o capital financeiro internacional e, por consequência, para as multinacionais dos sectores extractivos vitais e para facções do capital nacional emergente em Moçambique

Como e por que é que a interacção com capital financeiro internacional se tornou imperativa em Moçambique?

A construção da “legitimidade histórica” da burguesia nacional



Contexto histórico da emergência das classes capitalistas nacionais e a sua dependência do capital internacional

Enclave, acumulação de capital improdutivo e fictícia:

- Vulnerabilidade aos choques financeiros internacionais
- A armadilha da dívida
- Bolhas, crises e austeridade
- Baixa elasticidade da redução da pobreza em relação ao crescimento económico (0,11)



Ameaças e Desafios:

- Acesso a propriedades/ativos;
- Acesso ao financiamento/capacidades

Surgimento de uma classe de proprietários sem capital e falências

Revolta da burguesia nacional e a afirmação da retórica do capitalismo nacional – combater o deixa andar

Acesso a K, mas incapaz de competir na produção: Paradoxo China/Brasil/Índia e a reprodução do colonialismo em época de financeirização

Capitalistas com dinheiro e recursos naturais, mas sem produção

A ondas de expropriação do Estado facilitadas pelo Estado e o desenvolvimento do capitalismo nacional

Bases para um anti-manifesto?

Socialização intensiva e generalizada dos custos da burguesia nacional:

- Que burguesia?
- Quem paga?
- Tensões emergentes e latentes e o futuro?



Como é que a interacção intensiva extensiva com o capital financeiro internacional estruturou e foi estruturada pelas estruturas de acumulação de capital em Moçambique?

Investimento privado total, nacional e estrangeiro (1996-2017)

| | Nacional | Estrangeiro | TOTAL |
|---|----------|-------------|-------|
| Investimento directo | 6% | 37% | 43% |
| Empréstimos comerciais de instituições financeiras | 16% | 41% | 57% |
| TOTAL | 22% | 78% | 100% |

Source: Bank of Mozambique (http://www.bancomoc.mz/fm_pgLink.aspx?id=222)

Depósitos no sistema bancário em Moçambique (média anual para 2018)

| | Depósitos em Meticais | | Depósitos em moeda externa | | Total | |
|-------------------------------|-----------------------------------|--|---|------------------------------|--|---|
| | Em mil milhões de meticais (4) | Valorizado em USD (mil milhões) (5) | Valorizado em meticais (Mil milhões) (6) | Em mil milhões de USD (7) | Valorizado em meticais [(8) = (4)+(6)] (mil milhões) | Valorizado em USD [(9) = (5)+(7)] (mil milhões) |
| Contas correntes (1) | 137 | 2,1 | 78 | 1,2 | 215 | 3,3 |
| Contas de poupança (2) | 117 | 1,8 | 33 | 0,5 | 150 | 2,3 |
| Total (3) = (1) + (2) | 254 | 3,9 | 111 | 1,7 | 365 | 5,6 |
| (1) como % de (3) | 54% | - | 70% | - | 59% | - |
| (2) como % de (3) | 46% | - | 30% | - | 41% | - |

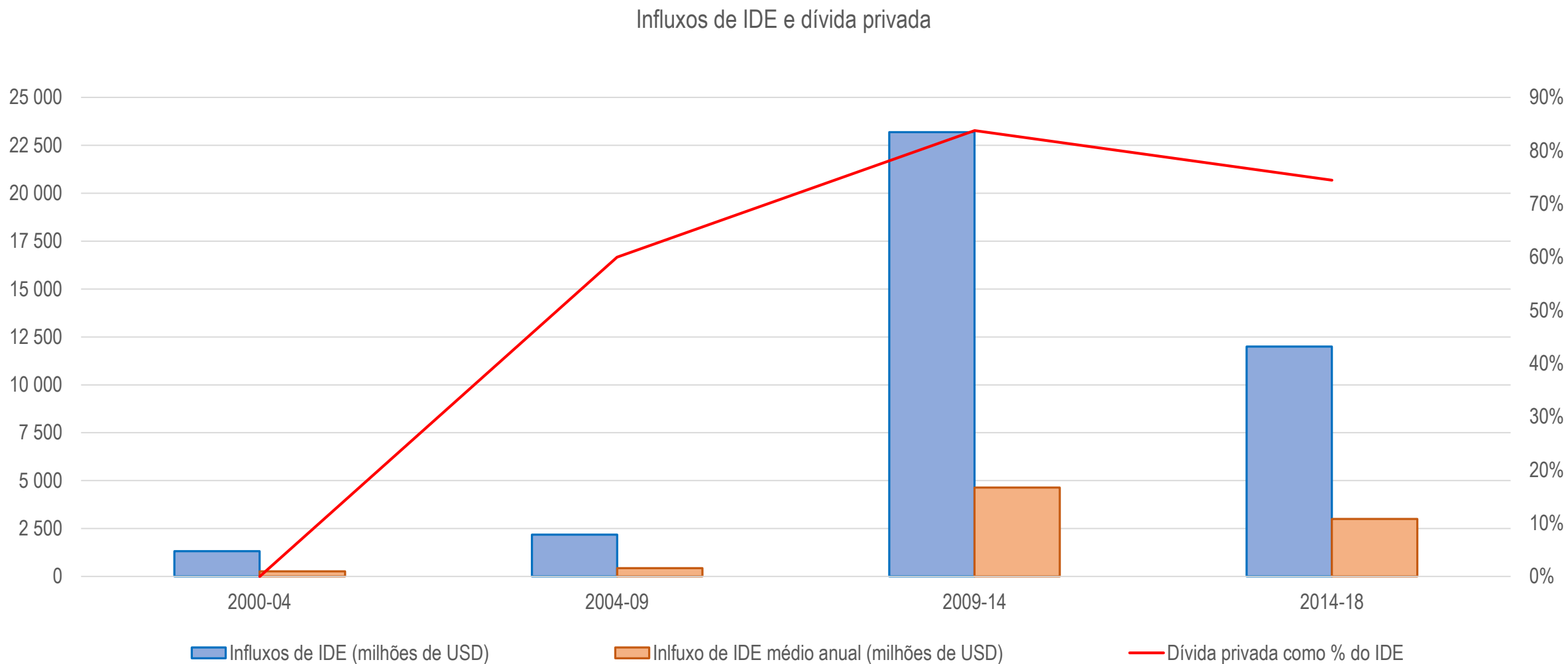
Source: Bank of Mozambique (http://www.bancomoc.mz/fm_pgLink.aspx?id=222)

Investimento directo estrangeiro, IDE (2000-2018, US\$ milhões)

| | 2000-04 | 2004-09 | 2009-10 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2011-15 | 2000-18 |
|---|---------|---------|---------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|---------|---------|
| Influxos de IDE (milhões de USD) | 1 324 | 2 188 | 2 189 | 3 664 | 5 635 | 6 697 | 4 999 | 3 868 | 3 128 | 2 319 | 2 678 | 24 863 | 36 671 |
| Influxo médio anual (milhões de USD) | 265 | 438 | 1 095 | 3 664 | 5 635 | 6 697 | 4 999 | 3 868 | 3 128 | 2 319 | 2 678 | 4 973 | 2 037 |
| Dívida privada como % de IDE (media para cada período) | 0 | 60% | 70% | 62% | 96% | 86% | 89% | 71% | 74% | 72% | 82% | 83% | 50% |

Source: Bank of Mozambique (http://www.bancomoc.mz/fm_pgLink.aspx?id=222)

Investimento Directo Estrangeiro e Dívida Privada



Alocação do investimento privado (1996-2016)

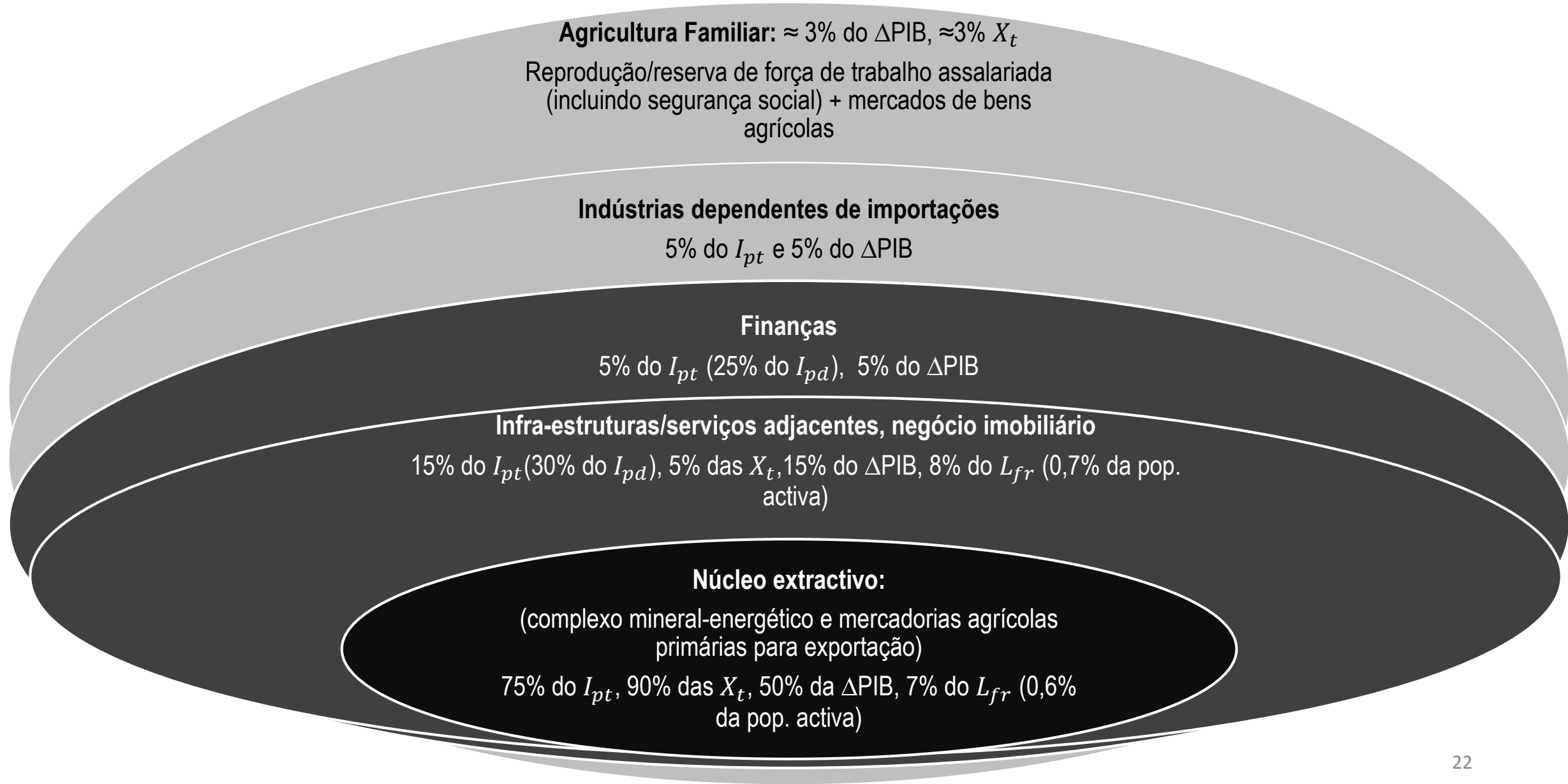
| FONTES DE FINANCIAMENTO (% entre parêntesis é a proporção dessa modalidade no investimento privado total) | ECONOMIA EXTRACTIVA [(1)+(3)] | | | | | | Desta fonte de financiamento, % que vai para outros sectores [100%-(6)] | % do investimento privado total que vai para outros sectores |
|--|--|--|---|---|--|---|---|--|
| | Núcleo extractivo da economia (mineração, energia e mercadorias agrícolas para exportação) (1) | Desta fonte de financiamento, % que vai para o núcleo extractivo (2) | Serviços e infra-estruturas associados ao núcleo extractivo da economia (3) | Desta fonte de financiamento, % que vai para serviços e infra-estruturas associados (4) | Economia extractiva como um todo (5) = [(1 + 3)] | Desta fonte de financiamento, % que vai para a economia extractiva como um todo (6) = [(2)+(4)] | | |
| IDE (37%) | 31% | 83% | 5% | 13% | 36% | 96% | 4% | 1% |
| Empréstimos externos (41%) | 30% | 73% | 9% | 23% | 39% | 96% | 4% | 2% |
| Investimento directo nacional (6%) | 3% | 58% | 2% | 27% | 5% | 85% | 15% | 1% |
| Empréstimos domésticos (16%) | 11% | 66% | 4% | 22% | 15% | 88% | 12% | 2% |
| Total (arredondamentos resultam em > 100%) | 75% | - | 20% | - | 95% | - | - | 6% |

Structure of economic growth – selected sectors (2005-2016)

| | GDP | Extractive industries | Financial Intermediation Services (FISIM) | Financial Activities | Construction | Trade in automobiles & Repair Services | Transports, storage & communications | Energy & Water | Agriculture & forestry | Manufacturing industry |
|--|------|-----------------------|---|----------------------|--------------|--|--------------------------------------|----------------|------------------------|------------------------|
| Real, annual average rate of growth for 2005-2016 (in %) | 6.5% | 23% | 16% | 15% | 10% | 9.5% | 5.6% | 5.5% | 3.2% | 3.1% |
| Ratio of sector to GDP annual growth rates | 1.0 | 3.5 | 2.5 | 2.3 | 1.5 | 1.5 | 0.9 | 0.8 | 0.5 | 0.5 |
| Cumulative growth during the whole period | 100% | 875% | 411% | 365% | 185% | 171% | 82% | 80% | 41% | 40% |
| Ratio of sector to GDP cumulative growth rates | 1.0 | 8.8 | 4.1 | 3.7 | 1.9 | 1.7 | 0.8 | 0.8 | 0.4 | 0.4 |

Source: Bank of Mozambique (http://www.bancomoc.mz/fm_pgLink.aspx?id=222)

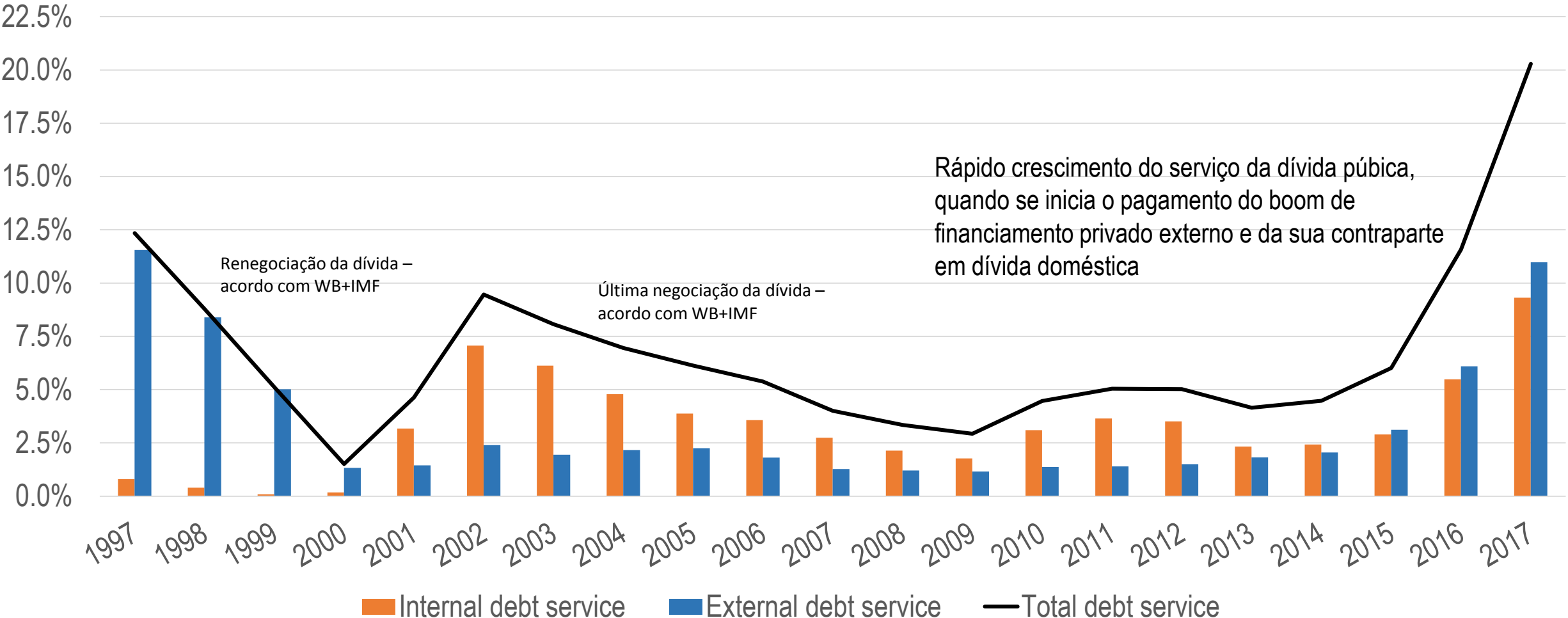
A grande imagem da estrutura social da economia moçambicana



Endividamento público (2006-2015)

| | Variação do stock de dívida pública | | | Taxa de crescimento do PIB | Crescimento da componente comercial da dívida pública | | | Alocação da dívida comercial por tipo de despesa (% da dívida comercial total) | | |
|---|-------------------------------------|------------|------------|----------------------------|---|--------------------------------------|--------------------------------------|--|---|--------------------------------|
| | Interna | Externa | Total | | Variação do stock | Peso na dívida pública total em 2006 | Peso na dívida pública total em 2015 | Infra-estruturas da economia extractiva | Garantias públicas de dívida privada e PPPs | Pagamento do serviço da dívida |
| Crescimento acumulado entre 2006-2015 (em %) | 900% | 223% | 264% | 97% | 1 170% | 8% | 49% | 31% | 39% | 30% |
| Variação média anual (em %) | 26% | 13% | 15% | 7% | 37% | - | - | - | - | - |

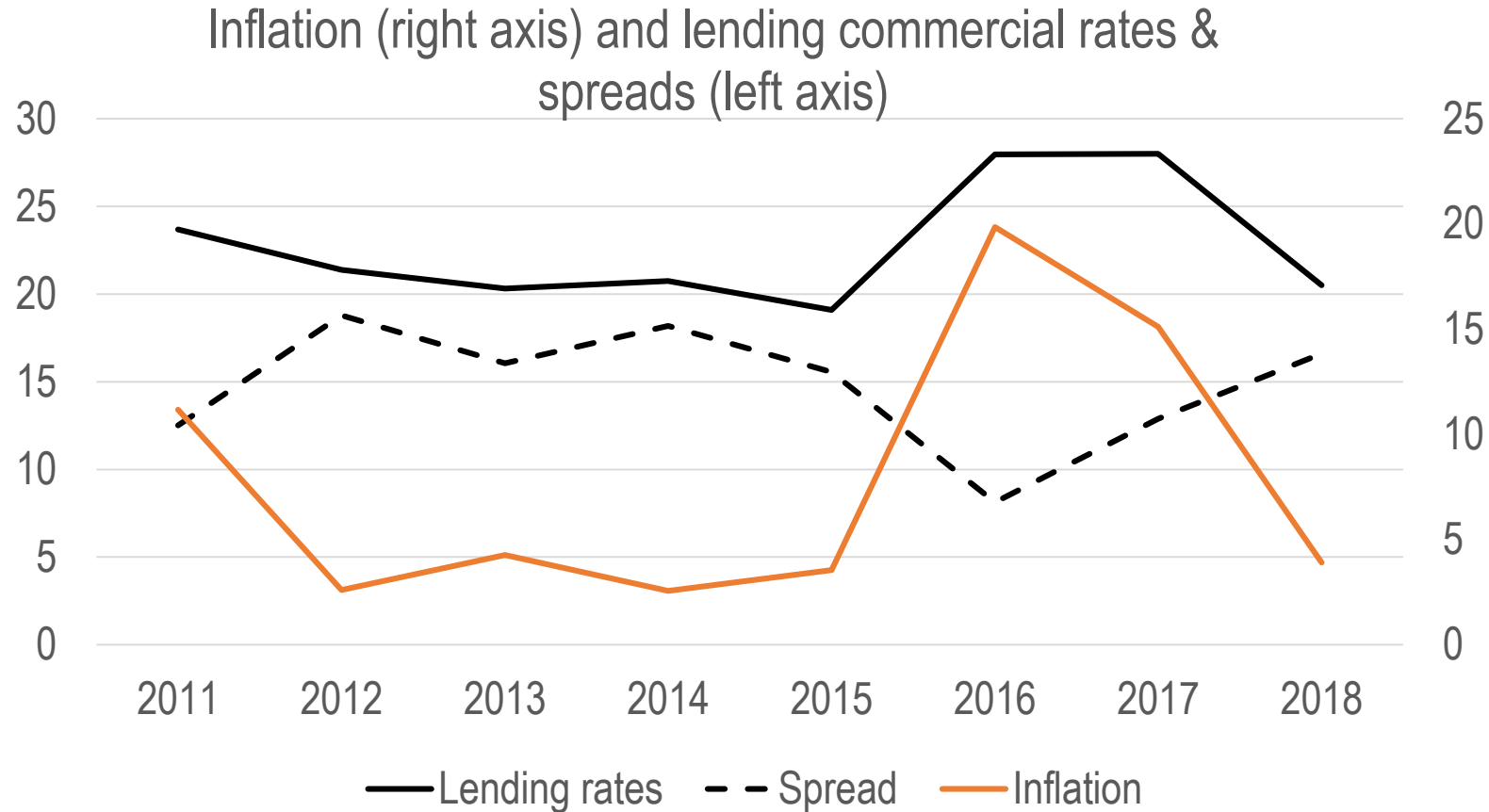
Serviço da dívida pública como % da despesa pública corrente



Source: Bank of Mozambique (http://www.bancomoc.mz/fm_pgLink.aspx?id=222)

Sistema financeiro doméstico

| | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|---------------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Inflation | 11 | 3 | 4 | 3 | 4 | 20 | 15 | 4 |
| Lending rates | 24 | 21 | 20 | 21 | 19 | 28 | 28 | 21 |
| Spread | 13 | 19 | 16 | 18 | 16 | 8 | 13 | 17 |



As taxas de juros de empréstimos comerciais são inelásticas relativamente à inflação e às taxas de referência do banco central, quando estas caem, mas são muito elásticas quando sobem.

Os mercados financeiros domésticos protegem os spreads (ou o nível da taxa de juros real), que é o mecanismo pelo qual eles determinam a sua parcela da mais-valia.

Ao fazê-lo, não apenas se ajustam às estruturas de acumulação, mas ajudam a reproduzi-las, expandindo e consolidando o domínio da acumulação fictícia.

Carteira agregada do sistema bancário comercial doméstico – especulação com dívida pública e consumo dos grupos mais ricos (2010-2016)

| | Sector produtivo | | Comércio | | Consumo de bens duráveis e serviços | | Títulos de dívida pública | |
|--------------------------------------|--|---|--|---|--|---|--|---|
| | Peso do sector no financiamento total (% do total) | Taxa de variação em relação ao último ano (%) | Peso do sector no financiamento total (% do total) | Taxa de variação em relação ao último ano (%) | Peso do sector no financiamento total (% do total) | Taxa de variação em relação ao último ano (%) | Peso do sector no financiamento total (% do total) | Taxa de variação em relação ao último ano (%) |
| 2010 | 41 | - | 16 | - | 17 | - | 26 | - |
| 2011 | 38 | -7 | 16 | 0 | 20 | 18 | 26 | 0 |
| 2012 | 37 | -3 | 13 | -19 | 22 | 10 | 28 | 8 |
| 2013 | 36 | -3 | 12 | -8 | 23 | 5 | 29 | 4 |
| 2014 | 36 | 0 | 11 | -8 | 21 | 9 | 32 | 10 |
| 2015 | 34 | -1 | 11 | 0 | 22 | 2 | 33 | 1 |
| 2016 | 32 | -1 | 11 | 0 | 22 | 0 | 35 | 2 |
| Média do período | 36 | - | 13 | - | 21 | - | 30 | - |
| Variação acumulada no período | - | -20 | - | -31 | - | 29 | - | 35 |

Source: Bank of Mozambique (http://www.bancomoc.mz/fm_pgLink.aspx?id=222)

Acumulação de capital fictício em Moçambique?

Capital fictício

- O capital fictício contrasta com o que Marx chama de "capital real", ou capital investido em meios físicos de produção e em trabalhadores, e "capital monetário", que são os fundos reais mantidos.
- O capital fictício representa "reivindicações acumuladas, títulos legais, para produção futura" e mais especificamente reivindicações sobre a distribuição da mais valia gerada na produção. O valor de mercado dos activos de capital fictício (como acções e títulos) varia de acordo com o retorno esperado ou o rendimento desses ativos no futuro, o que Marx achava que estava apenas indiretamente relacionado ao crescimento da produção real.

Capital fictício

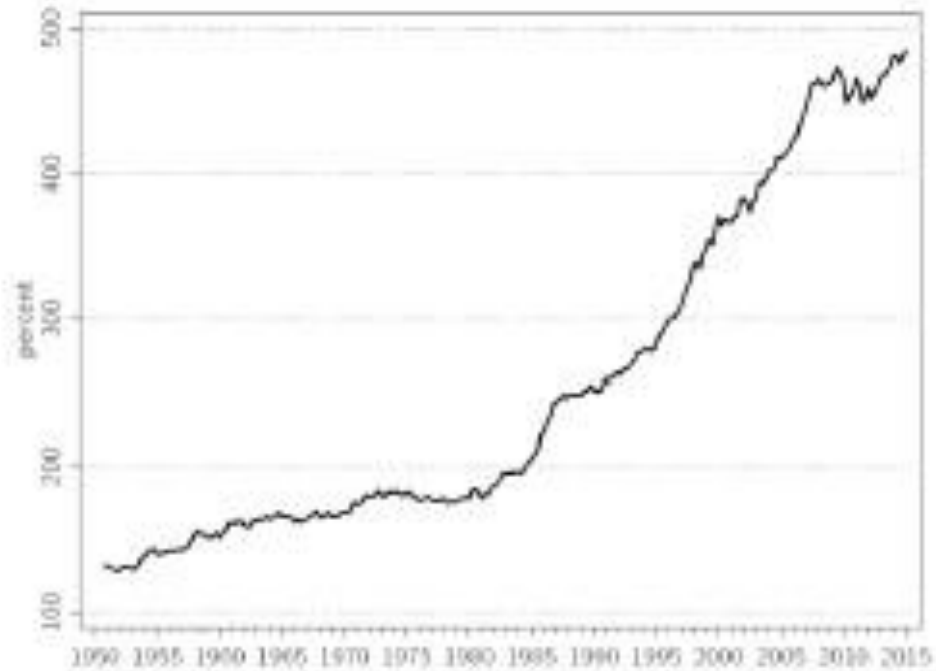
- O capital financeiro estabelece, antecipadamente, a taxa de retorno, ou parcela de mais-valia que exige sobre os empréstimos, independentemente do que acontece com a acumulação real. À medida que mais e mais actividades económicas e sociais são articuladas através dos mercados financeiros, a acumulação de capital fictício, sem contrapartida e/ou em oposição à acumulação real, torna-se um dreno no investimento e no crescimento reais.
- A financeirização, portanto, é central na natureza e na persistência do neoliberalismo, de tal modo que a reprodução económica e social é mais e mais articulada através do sistema financeiro e deslocada da actividade produtiva real, as taxas de lucro aumentam independentemente do investimento real, o capital financeiro expande para novas áreas onde antes não participava, e a acumulação fictícia domina.

Capital fictício

- O capital usurário pode controlar os ativos (como as empresas), mas também o que e como essas empresas fazem e como o capital financeiro é empregado.
- Exemplos ao longo das últimas 4 décadas: (i) a participação das transações financeiras nos lucros das organizações não financeiras aumentou de 5% para > 45% (de forma que o investimento real, como % dos lucros, caiu à medida que uma maior % dos lucros foi absorvida em transações financeiras); (ii) o peso das finanças no PIB global mais do que quadruplicou (por que precisamos de mais de 4 vezes mais serviços financeiros para as mesmas transações reais?); (iii) aumentou do papel dos offshores e do financiamento fiscal e shadow finance.

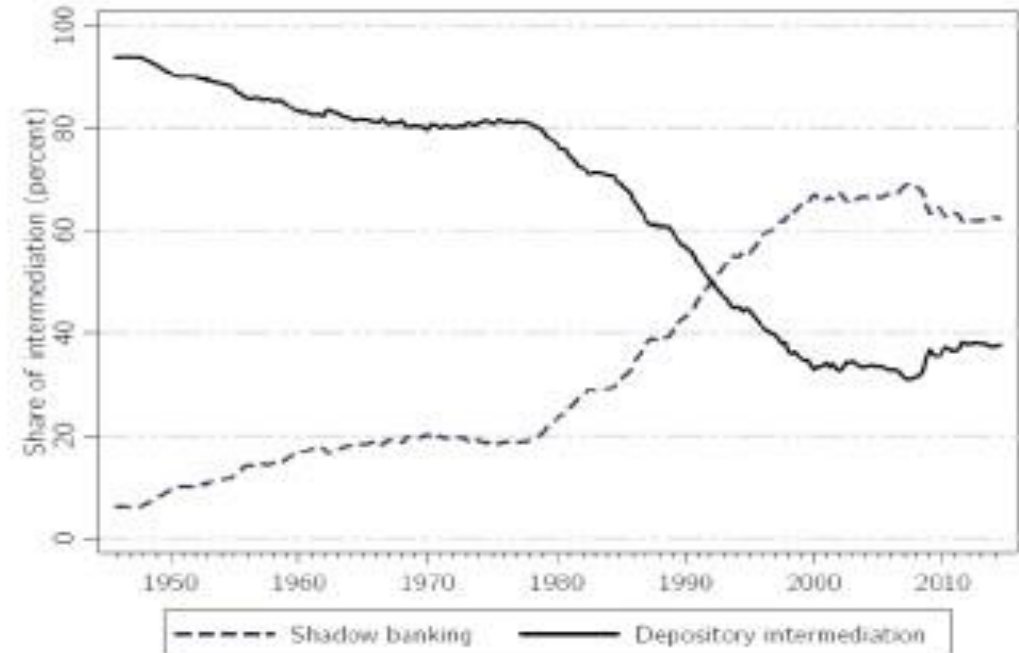
Crescimento do papel e do poder do sector financeiro e das finanças sombra

Figure 1
Financial Sector Assets as a percent of GDP



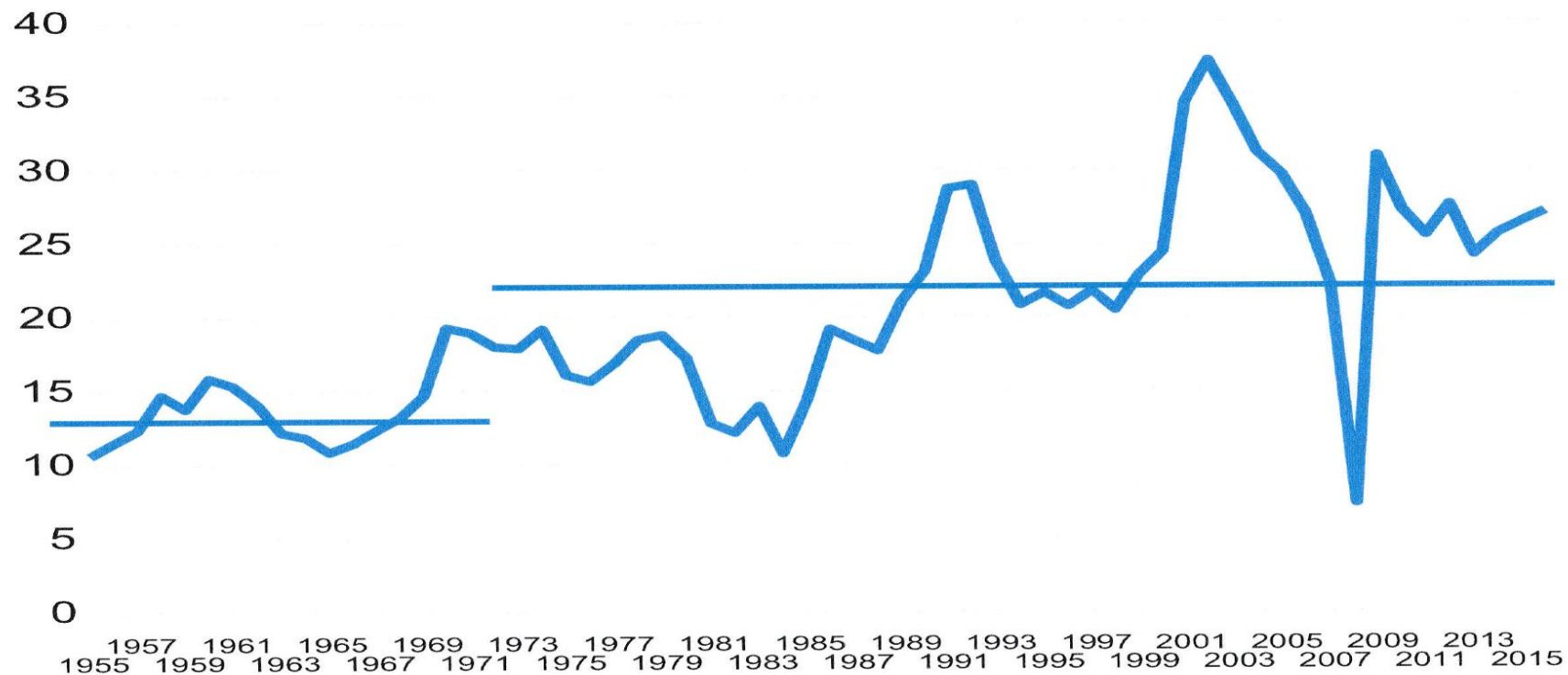
Source: Flow of Funds, Board of Governors of the Federal Reserve.

Figure 4
Standard Intermediation Vs. Shadow Intermediation

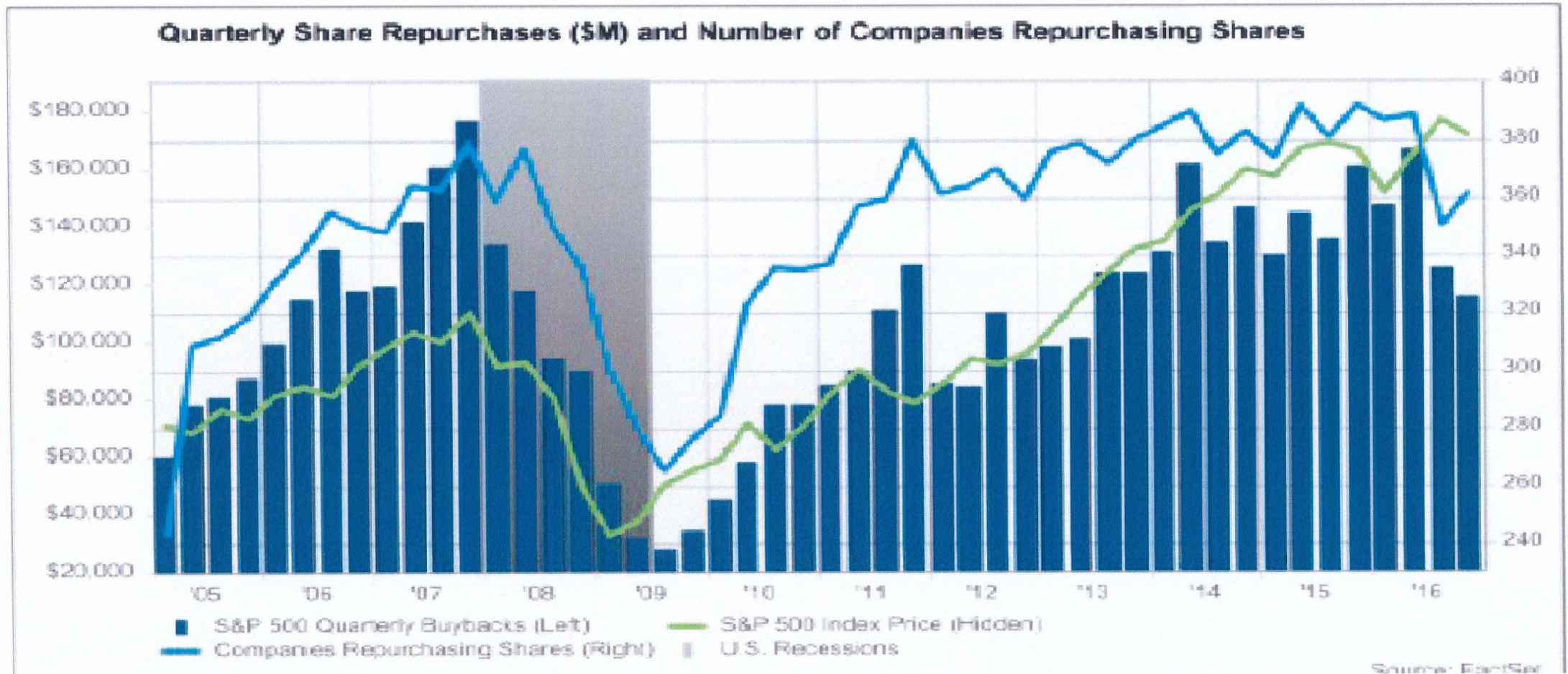


Source: Authors' calculations based on the Flow of Funds, Board of Governors of the Federal Reserve.

% de lucros retidos pelo sistema financeiro (US, 1955-2016)

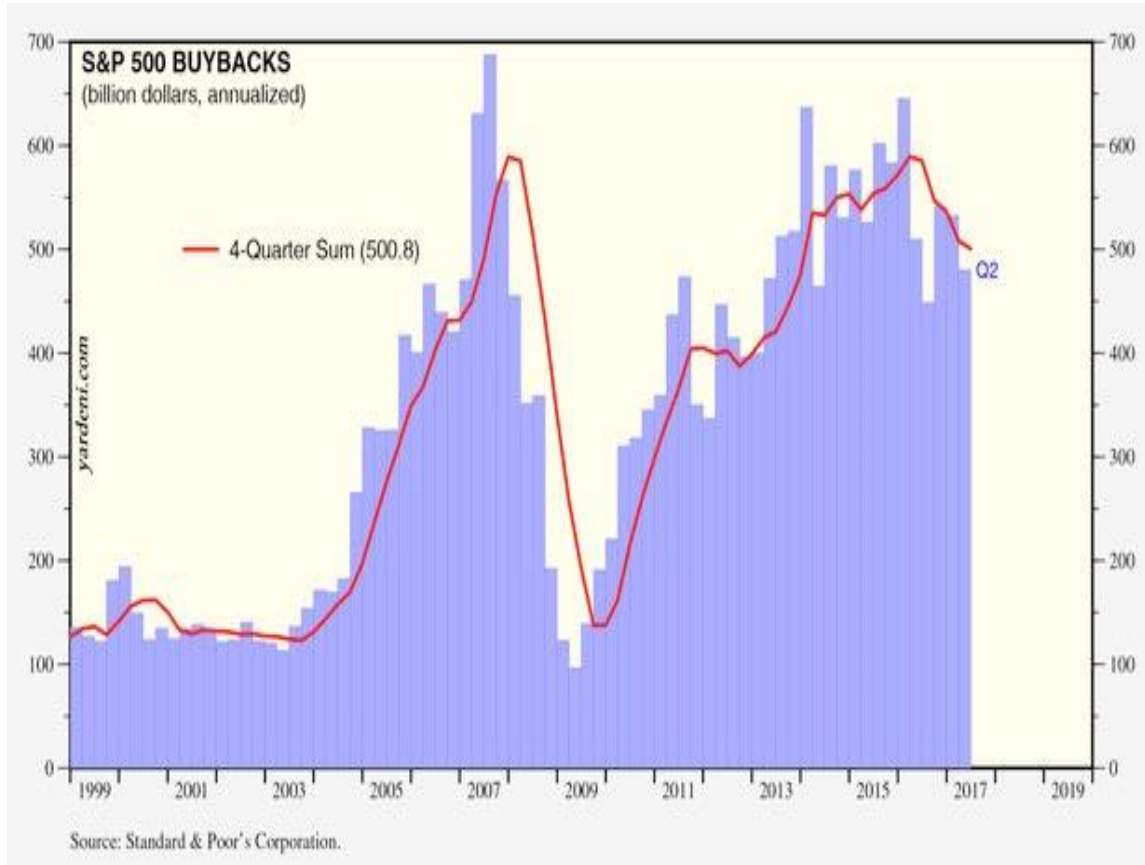


Compra de acções pelas próprias empresas



Lucros das corporações não-financeiras mais e mais ligados com especulação financeira

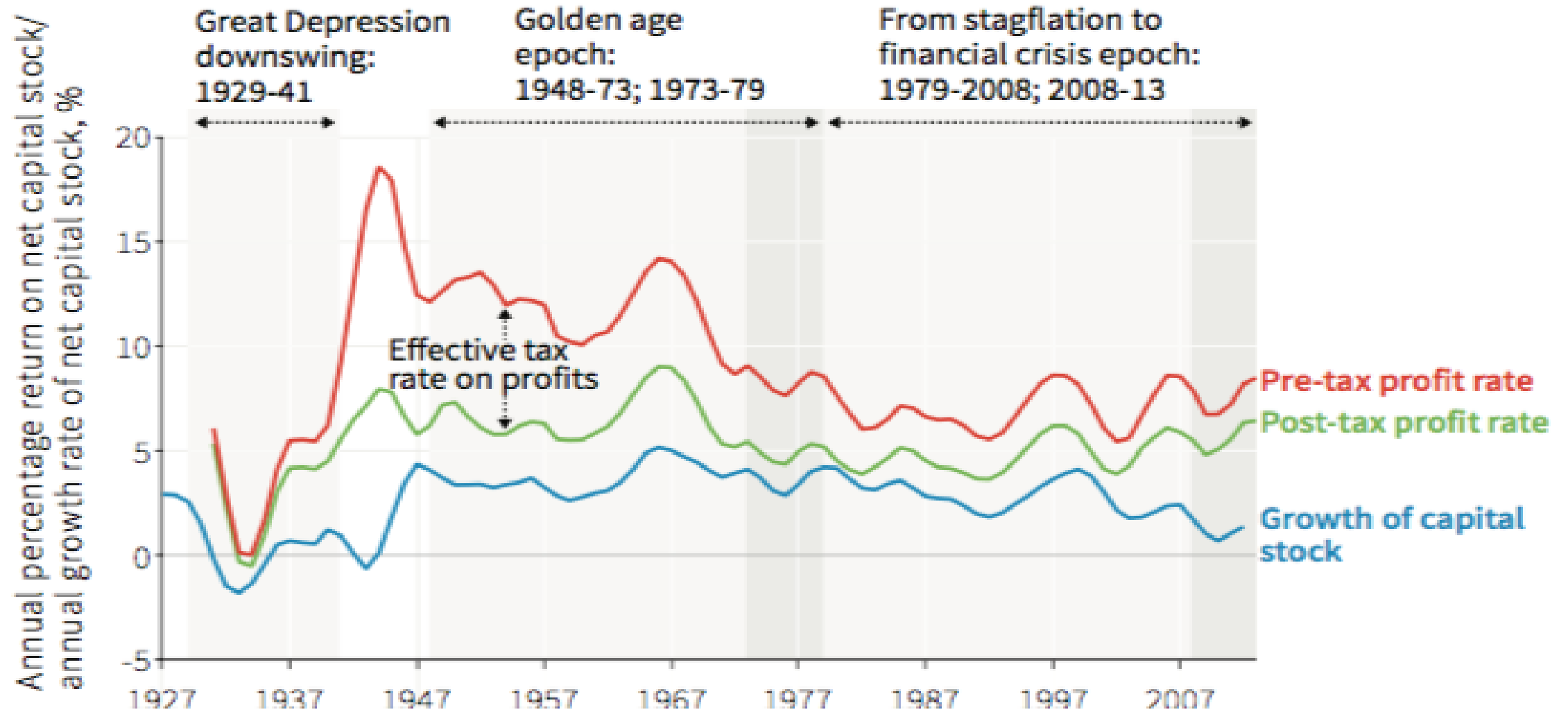
Compras das suas próprias acções pelas empresas



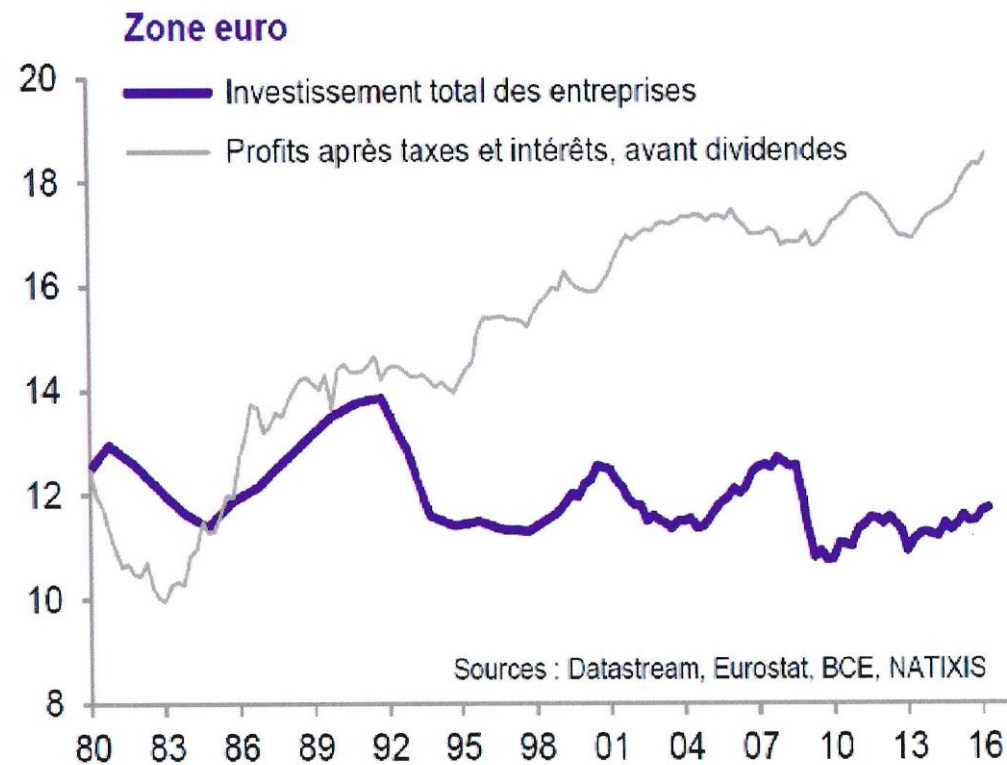
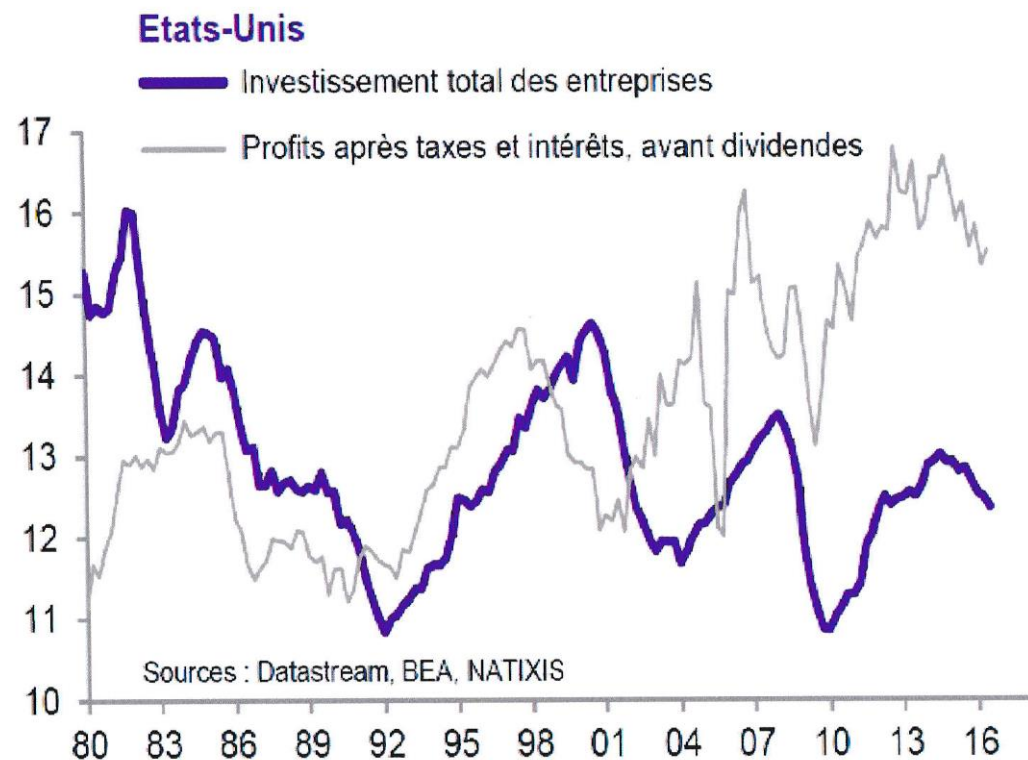
% de lucros financeiros nos lucros corporativos totais nos EUA (1995-2015)



Redução da taxa efectiva de tributação dos lucros não aumenta investimento em capital produtivo

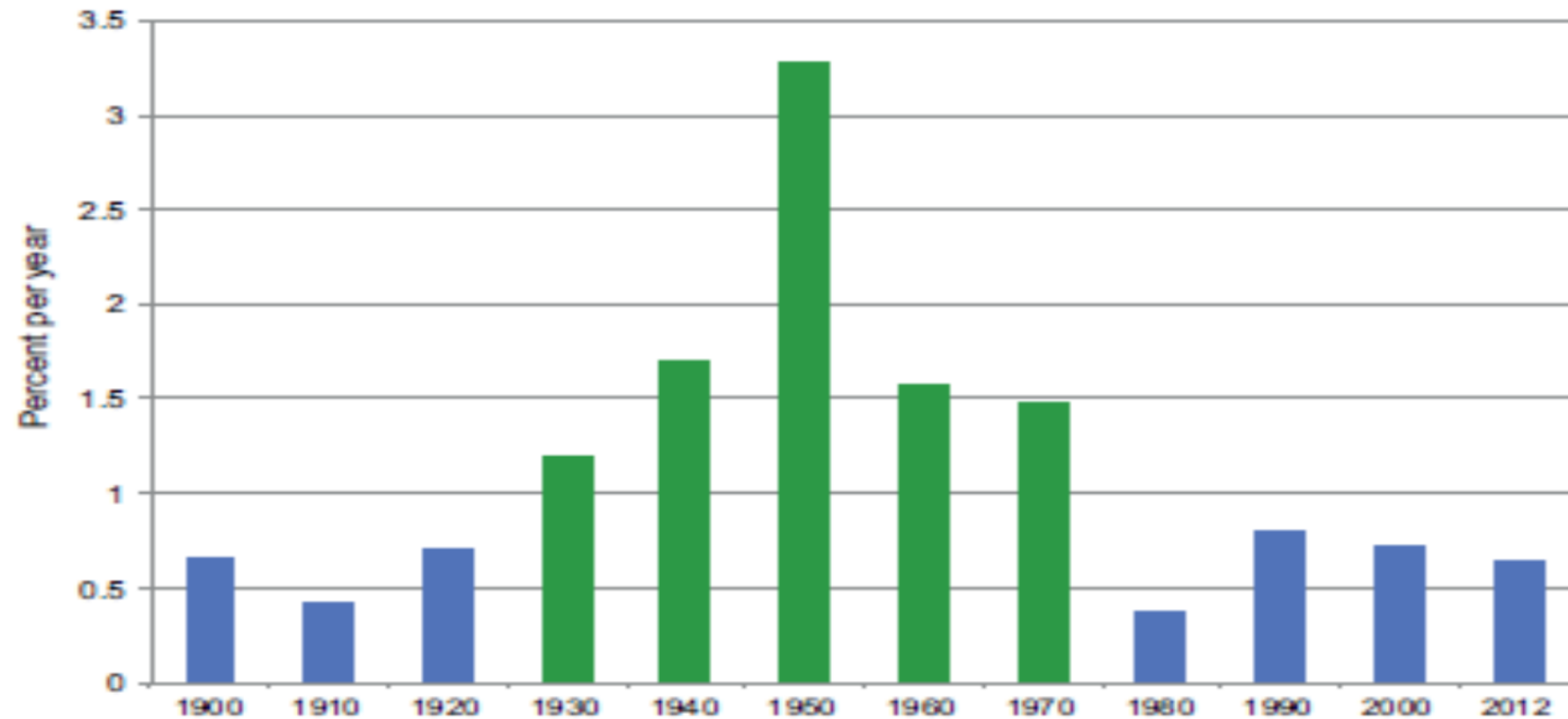


Estagnação secular: muito lucro, pouco investimento



Estagnação da produtividade

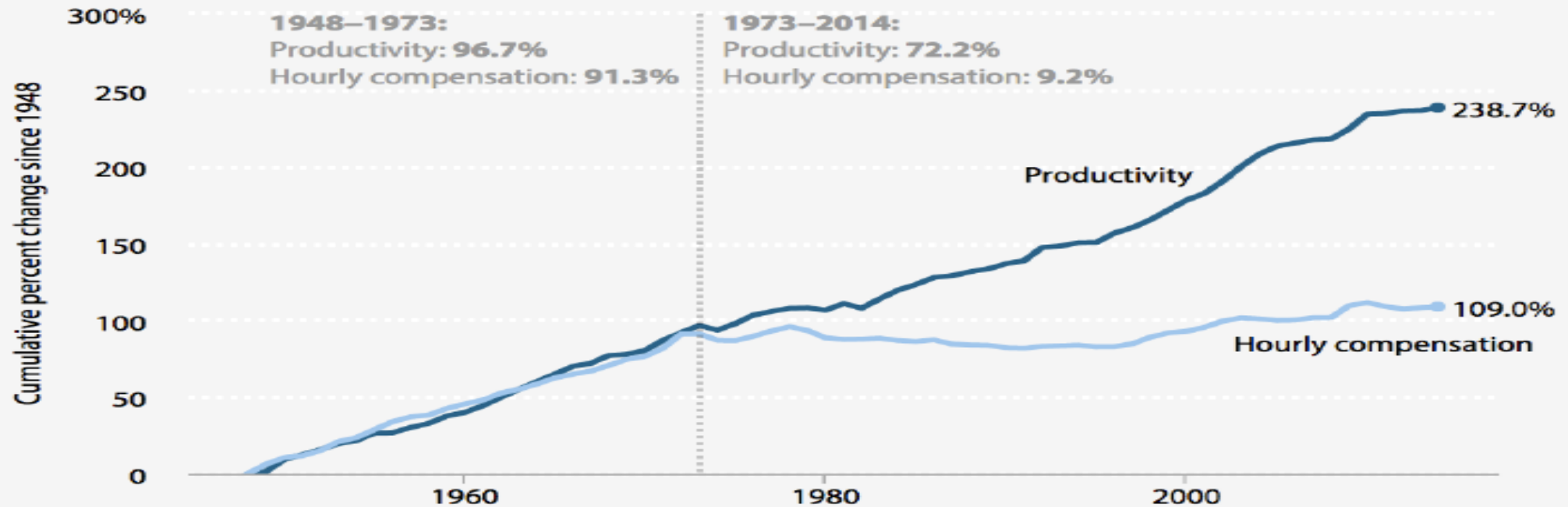
Figure 1 Annual growth rate of TFP for ten years preceding years shown, years ending in 1900 to 2012



Rompimento da relação entre produtividade e compensação do trabalho – concentração da riqueza gerada

FIGURE A

Disconnect between productivity and a typical worker's compensation, 1948–2014



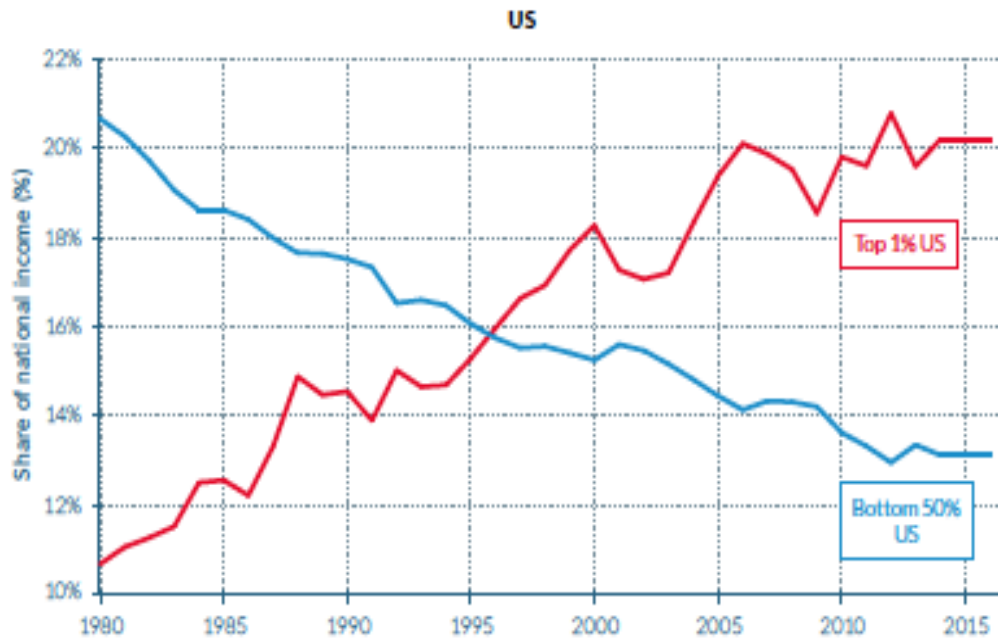
Note: Data are for average hourly compensation of production/nonsupervisory workers in the private sector and net productivity of the total economy. "Net productivity" is the growth of output of goods and services minus depreciation per hour worked.

Source: EPI analysis of data from the BEA and BLS (see technical appendix for more detailed information)

Maior desigualdade, maior concentração da riqueza, maior apetência pela aplicação não-produtiva do rendimento

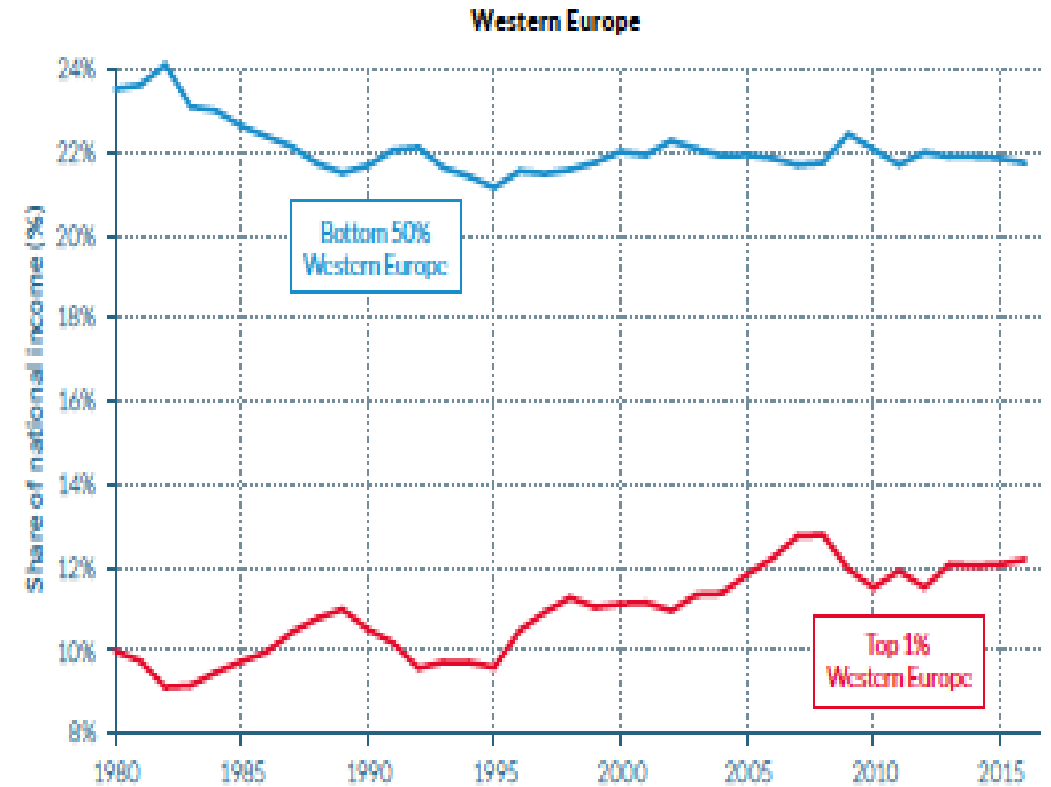
Figure E3

Top 1% vs. Bottom 50% national income shares in the US and Western Europe, 1980-2016:
Diverging income inequality trajectories



Source: WIDworld (2017). See [wii2018/widworld](#) for data series and notes.

In 2016, 12% of national income was received by the top 1% in Western Europe, compared to 20% in the United States. In 1980, 10% of national income was received by the top 1% in Western Europe, compared to 11% in the United States.



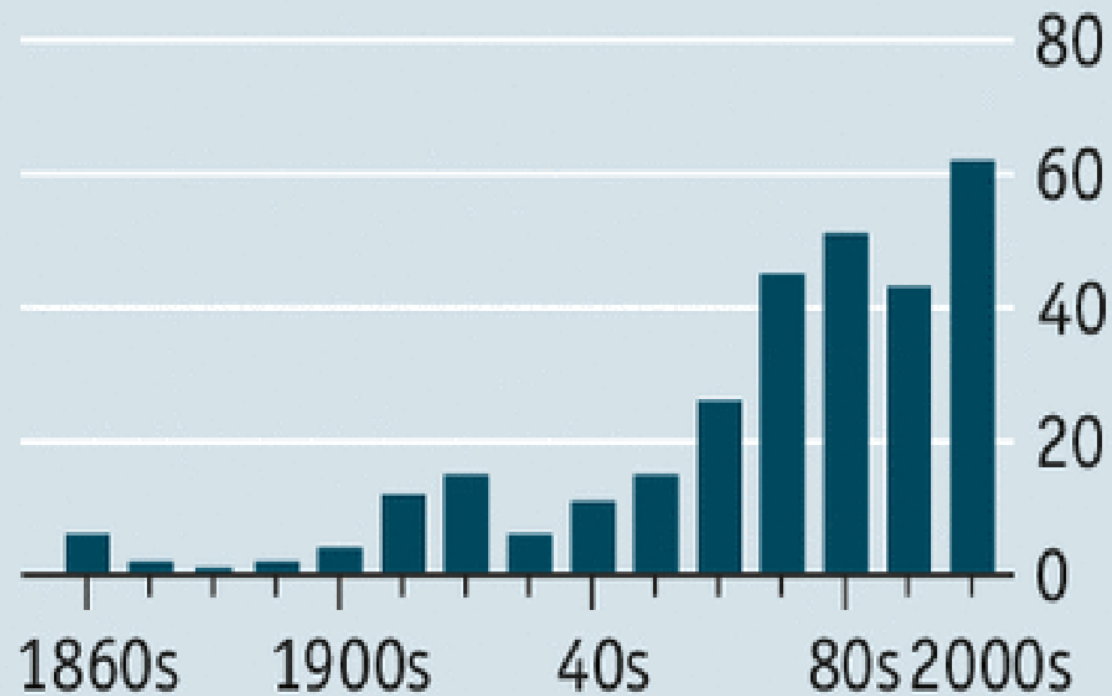
Source: WIDworld (2017). See [wii2018/widworld](#) for data series and notes.

In 2016, 22% of national income was received by the Bottom 50% in Western Europe.

Mais especulação e mais instabilidade económica

Financial bubbles

Around the world, number per decade



Haverá evidência de domínio da acumulação de capital fictício em Moçambique?

- Então, qual é a evidência de que as estruturas de acumulação de Moçambique estão sendo dominadas pelos mercados financeiros como resultado da interação com as finanças internacionais?
 - O contexto histórico da “revolução capitalista” – acesso a financiamento em troca de mercadorias estratégicas com opções e capacidades limitadas para desenvolver uma base produtiva de acumulação
 - Sistema financeiro doméstico pequeno, dependência do capital estrangeiro privado e a alocação afunilada desse capital em enclaves em torno do sistema da economia extrativa (o núcleo e as infraestruturas e serviços em torno dele)
 - Privatização massiva e financeirização de activos reais (complexo mineral-energético e terra) como meio de atrair grande capital multinacional (redução de riscos e aceleração da recuperação de capital e lucros). [Esse processo é exacerbado pela forte penetração de capital especulativo e baseado no crime, como lavagem de dinheiro por meio da especulação imobiliária e do negócio de drogas, não discutido nesta apresentação, pois os dados sistemáticos não estão facilmente disponíveis]

Há evidência de domínio da acumulação de capital fictício em Moçambique?

- Extenso e intenso envolvimento do governo e “mineração” do “espaço da dívida” para além de qualquer limite razoável. De facto, o grande capital define o ritmo, a estrutura e a velocidade do endividamento público – privatização de infra-estruturas e activos públicos a baixo custo (com a intermediação doméstica como uma forma dominante de acumulação de capital por capitalistas domésticos); incentivos fiscais redundantes; parcerias público-privadas em que o Estado garante a dívida privada para fornecer infra-estruturas e serviços ao capital multinacional (que acelera à medida que a escala de investimento privado estrangeiro aumenta); investimento público nas infra-estruturas e serviços para o núcleo extractivo da economia; e a armadilha da dívida (tomada de empréstimos no mercado interno e no exterior para pagar dívidas com a venda de títulos de dívida). Podemos chamar a isto a “captura do Estado” pelos mercados financeiros e acumulação de capital fictício?

Há evidência de domínio da acumulação de capital fictício em Moçambique?

- A reestruturação do sistema financeiro nacional – concentração e centralização do sistema bancário, focado na especulação com dívida soberana e no financiamento do consumo dos grupos mais abastados da sociedade, inflexível e capaz de proteger os altos níveis de taxas reais de juros (spread = taxas nominais de juros - inflação), estabelecendo assim antecipadamente a parcela da mais-valia (real ou fictícia) que demandam para empréstimos. A ampliação da base social e económica de acumulação, diversificação e desenvolvimento de pequenas e médias empresas não é apoiada pelo sistema financeiro.
- Os mercados financeiros internacionais estão a mudar, ou a alternar, o seu foco em Moçambique de conceder empréstimos à economia extractiva para especular com os activos reais, com os projectos de infra-estruturas, com a terra (“valorizada” por esses projectos) e com a dívida soberana criada.
- Os níveis e as estruturas e dinâmicas da dívida pública tornam-se num instrumento vital de negociação dos termos de “rendição” da soberania sobre os recursos estratégicos e a política pública.
- Estruturas de crescimento económico afunilam-se ainda mais em torno do núcleo extrativo da economia e actividades relacionadas (como construção), finanças (medido direta e indiretamente) e consumo de luxo (por exemplo, novos veículos e serviços de reparo associados).

Para que serve este tipo de análise?

Para que serve este tipo de análise?

- Investigação da economia política de Moçambique
 - Entender as estruturas e dinâmicas de acumulação como um todo, e porque emergiram, persistem e se reproduzem
 - Fazê-lo revelando as tensões e unidades dentro dessas estruturas e dinâmicas, com uma perspectiva histórica, mostrando como estabilidade/instabilidade, expansão/crise, riqueza/pobreza, agentes/ligações, forças domésticas/externas são geradas, e geram, e/ou articuladas, e articulam, dentro do sistema pelos mesmos motores sociais e históricos.
 - Ligar, dialecticamente, a natureza e as acções dos agentes com as estruturas de acumulação, entendendo como se estruturam, antagonizam e desenvolvem mutuamente numa interacção historicamente construída.

Para que serve este tipo de análise?

- Possibilidade de generalização sobre paradoxos e limites dos processos de acumulação de capital em contextos pós-coloniais neoliberais, dominados por dinâmicas de financeirização, nomeadamente como as especificidades sociais e históricas se articulam com as tendências e traços gerais do capitalismo, em diferentes fases do seu desenvolvimento e crise, reproduzindo ou modificando dinâmicas diferenciadas e desiguais de acumulação de capital subordinadas e/ou em tensão as estruturas e características mais gerais.
 - Por exemplo, a tensão e as relações contraditórias que emergem, no contexto das contradições e limites da globalização, entre o nacionalismo económico e as tendências globalizantes.

Para que serve este tipo de análise?

- Papel transformativo da análise social – de que maneira a crítica é construída para servir como guia de acção transformativa revolucionária. A utilidade social e intelectual da crítica reside na capacidade de a transformar em acção revolucionária de transformação.
 - Em que medida é possível encontrar na análise crítica o caminho da acção?
 - Em que medida é que a nossa análise é construída de modo a criar esse caminho?
 - O que revela, a narrativa, sobre os limites da nossa crítica e as pistas metodológicas de pesquisa que permitam à chegar à acção?
 - Entender o sistema de acumulação e as suas tensões, histórica e socialmente construídos, é um enorme salto relativamente a meras descrições de “factos” estilizados e de fragmentos de fenómenos que aparentam ser, mas não são, essenciais. Mas, em que medida é que este salto se reflecte na capacidade de orientar a acção transformativa?
 - De facto, o que decorre logicamente desta análise para acção, o que é que esta análise logicamente sugere como direcção da acção – se alguma conclusão for possível atingir?

Referências

- Castel-Branco, Carlos:
 - 2017a. Contribuição para o método de investigação da economia política de Moçambique
(<https://www.researchgate.net/publication/319554499> Contribuicao para o metodo de investigacao da economia politica de Mocambique)
 - 2017b. Crises económicas e estruturas de acumulação de capital em Moçambique
(<https://www.researchgate.net/publication/319617910> Crises Economicas e Estruturas de Acumulacao de Capital em Mocambique)
 - 2017c. Lógica histórica do modelo de acumulação de capital em Moçambique
(<https://www.researchgate.net/publication/319554822> Logica Historica do Modelo de Acumulacao de Capital em Mocambique)
 - 2016. Dilemas de industrialização num contexto extractivo de acumulação de capital
(<https://www.researchgate.net/publication/305730467> DILEMAS DA INDUSTRIALIZACAO NUM CONTEXTO EXTRACTIVO DE ACUMULACAO DE CAPITAL)
 - 2015. Growth, capital accumulation and economic porosity in Mozambique – social losses, private gains
(<https://www.researchgate.net/publication/273340949> Growth capital accumulation and economic porosity in Mozambique social losses private gains)
 - 2003. Indústria e industrialização em Moçambique – análise da situação actual e linhas estratégicas de desenvolvimento
(<https://www.researchgate.net/publication/284720139> Industria e industrializacao em Mocambique analise da situacao actual e linhas estrategicas de desenvolvimento | Quaderni della Cooperazione Italiana 32003)
 - 2002. Economic linkages between Mozambique and South Africa
(<https://www.researchgate.net/publication/284720099> Economic linkages between Mozambique and South Africa)

Referências

- Duménil, G. and D. Levy. 2012. Neoliberalism. In Fine, B. and A. Saad-Filho. The Elgar Companion to Marxist Economics. Edward Elgar: Cheltenham.
- Fine, Ben:
 - 2007. Financialisation, poverty, and Marxist political economy. Comunicação apresentada na Conferência «Poverty and Capital», 2-4 de Julho de 2007. University of Manchester. Disponível em: <https://eprints.soas.ac.uk/5685/1/brooks.pdf>.
 - 2009a. Financialisation and social policy. Communication in the Conference «Social and Political Dimensions of the Global Crisis: Implications for Developing Countries», 12-13 de November de 2009. Geneva: UNRISD. Available em: <https://eprints.soas.ac.uk/7984>.
 - 2009b. Looking at the crisis through Marx. International Socialist Review, 64, 40-47.
 - 2010. Locating financialization. Historical Materialism, 18, 97-16.
 - 2012. Neoliberalism in retrospect? It's financialization, stupid. In C. Kyung-Sup, B. Fine & L. Weiss (eds.), Developmental Politics in Transition: the Neoliberal Era and Beyond. Londres: Palgrave MacMillan.
 - 2013. Financialization from a Marxist Perspective. International Journal of Political Economy, 42(4), 47-66.

Referências

- Fine, B. & Saad-Filho, A. 2016. Marx's Capital. Londres: Pluto Press.
- Harvey, D. 2007. A Brief History of Neoliberalism. Oxford University Press: New York.
- Harvey, D. 2014. Seventeen contradictions and the end of capitalism. Oxford University Press: Oxford.
- Lapavistas, C. 2008. Financialized Capitalism: direct exploitation and periodic bubbles. Department of Economics, School of Oriental and African Studies, University of London. Disponível em: <https://marxismocritico.files.wordpress.com/2011/10/financialised-capitalism-direct-exploitation-and-periodic-bubbles.pdf> (consultado a 14 de Maio de 2017).
- Louçã, F. & Ash, M. 2018. Shadow Networks: Financial Disorder and the System that Caused Crisis. Oxford University Press: Oxford
- Marois, T. 2012. Finance, finance capital and financialization. In Fine, B. and A. Saad-Filho. The Elgar Companion to Marxist Economics. Edward Elgar: Cheltenham.
- Saad-Filho, A. & (eds.). 2005. Neoliberalism – a critical reader. Pluto Press: London